Comentários

FEIJÃO

CRISE ATUAL NÃO REPETE SITUAÇÃO ANTERIOR.

Identificar o aquecimento do preço do feijão preto ocorrido em junho/julho passado com o atual quadro do produto, só pode resultar de uma visão limitada do mercado, que não contempla os fatores subjacentes aos dois períodos. Se, em ambos os casos, podemos assinalar a existência de especulação por parte de atacadistas, visando valorizar seus estoques, bem como de uma pressão por aumento da tabela CIP-SUNAB que regula o preço de varejo na principal rede distribuidora. Por outro lado, no que diz respeito à oferta do produto, temos panoramas radicalmente diferentes.

DISPONIBILIDADE REAL DO PRODUTO CARACTERIZOU PANORAMA DO MERCADO NO PERÍODO JUNHO/JULHO.

No período junho/julho/78 a avaliação dos estoques em mãos de atacadistas indicava a existência de grande quantidade de feijão, uma vez que a entrada da safra das águas da região Centro-Sul no mercado atacadista se estendera até março/abril e, havia sido certamente ainda não absorvida totalmente pelo varejo. Some-se a isto o fato de que se iniciava o esgotamento dos prazos de EGF, forçando as cooperativas paranaenses a soltarem os estoques de feijão que haviam acumulado, enquanto intermediárias do programa governamental de auxílio ao pequeno produtor. Paralelamente, a safra das secas dos estados do Sul — ainda que reduzida pelos efeitos da estiagem — dava entrada no mercado, aumentando a pressão da oferta. Finalmente, o estoque da CFP de feijão preto produzido internamente, que montava a aproximadamente 10.000 t (incluindo a compra de 6.000 t das cooperativas), não chegou a ser plenamente utilizado. Apenas uma pequena parte (3.000 t) foi desovada, visando suprir os supermercados com o produto ao preço da tabela já majorada, enquanto o mercado se desaquecia naturalmente, pela expansão da oferta.

Acompanhando a evolução dos preços do feijão preto na Bolsa de Gêneros Alimentícios do Rio de Janeiro, vemos que sua alta (característica da entressafra) foi retardada pela ação reguladora governamental — mediante a utilização de estoques de feijão importado anteriormente — e teve curta duração, não se estendendo até a entrada da safra das águas subseqüente. A alta restringiu-se praticamente ao mês de julho, após o que os preços voltaram a se desaquecer.

ESGOTAMENTO DE ESTOQUES GOVERNAMENTAIS LIMITA AÇÃO REGULADORA.

O quadro atual, entretanto, não guarda semelhança com o descrito, inicialmente pela dificuldade em avaliarmos a magnitude de possíveis estoques em mãos de atacadistas. Caso existam, não devem ser grandes devido à proximidade do fim do ano-safra 77/78, aliada às dificuldades técnicas inerentes à estocagem do produto por longo período de tempo. Os estoques oficiais, por sua vez, conforme informação amplamente divulgada ao longo dos últimos meses, estavam reduzidos a aproximadamente 7.000 t, após a liberação das primeiras 3.000 t, acima mencionada. Com a liberação de outras 3.000 t, em meados de setembro, restam cerca de 4.000 t, que vêm sendo distribuídas aos supermercados filiados à ASSERJ.

IMPORTAÇÃO FORA DO LEQUE DE ALTERNATIVAS.

Tendo em vista a possibilidade de ocorrerem problemas posteriores no abastecimento, a liberação da importação de até 30.000 t em junho foi bastante oportuna, coadunando-se com a ação reguladora levada a efeito pelos órgãos governamentais. Con-

Comentários

tudo, a não disponibilidade do produto no mercado internacional prejudicou a medida, eliminando possíveis estoques de feijão importado do nosso leque de alternativas para a situação atual. Ainda que, apesar dos altos custos, a COBEC conseguisse comprar alguma quantidade do produto (dos EUA, por exemplo), sua chegada, após todos os trâmites, não ocorreria a tempo de amainar a atual escassez, coincidindo, no mínimo, com a entrada da safra vindoura.

ABASTECIMENTO PROBLEMÁTICO AINDA NÃO É CONSEQUÊNCIA DO ATRASO DA SAFRA.

Quanto à próxima safra das águas da região Centro-Sul, suas perspectivas são animadoras, pois registraram-se aumentos de área cultivada no Paraná e no Rio Grande do Sul (principais produtores de feijão preto). Assim, sua entrada no mercado deverá restabelecer o fluxo normal de abastecimento, deslocando a questão principal da quantidade a ser produzida para a época em que esta safra se fará disponível. A Secretaria da Agricultura do Paraná estima que a partir de 15 de novembro o feijão preto já estará sendo comercializado, uma vez que a região Sul do estado, de onde se origina este tipo da leguminosa, foi menos atingida pelas geadas. Tal atraso pode ser considerado irrisório. Ora, os problemas hoje existentes no abastecimento do Rio de Janeiro não podem ser atribuídos ao atraso da safra, visto que já os estamos enfrentando ao início de outubro. Tampouco a estocagem caseira, feita pelos consumidores temerosos da escassez do produto, pode ser responsabilizada pela crise, pois não fez mais que antecipá-la de alguns dias. O fato é que os últimos estoques oficiais estão sendo rapidamente consumidos e a Bolsa de Gêneros Alimentícios do Rio de Janeiro não tem disponibilidade do produto, que vem sendo cotado nominalmente.

MEDIDAS CONCRETAS x NOTÍCIAS TRANQUILIZADORAS.

A decisão de abastecer o mercado carioca com feijão de cores a preço (subsidiado) mais baixo do que o da tabela do feijão preto é não apenas sensata, como a única viável. Seus efeitos serão certamente mais concretos do que notícias tranqüilizadoras sobre a existência de estoques de origem e paradeiro desconhecidos até o momento.

Resta esperar que a safra paranaense não se atrase realmente mais do que o previsto. A iminência de sua entrada no mercado deve forçar a desova dos possíveis estoques especulativos.

ARROZ

PROBLEMAS DE ABASTECIMENTO – PERSISTE A DÚVIDA.

Durante os últimos trinta dias multiplicaram-se os informes alentadores divulgados por técnicos ligados à área governamental, dando conta da existência de estoques oficiais de arroz em quantidade e qualidade capazes de garantir o cumprimento da tabela do produto, até a entrada da próxima safra.